

Engenharia de Telecomunicações e Informática

Segurança em Redes e Sistemas de Informação

**Projeto e Implementação de um Protocolo de
Segurança Criptográfica**

João Rabuge | 98509

Bernardo Assunção | 98616

Hugo Costa | 93910

Docente:

Nuno Filipe Martins de Silveira Reis

Ano curricular: 4º

Semestre: 1º

Semestre 2023/2024

Índice

1. Introdução	3
2. Especificações e Design de um Protocolo Seguro	4
2.1. Registo de uma Entidade	4
2.2. Autenticação	5
2.2.1. Proteger chave privada do Gateway	7
2.3. Trocas de Chaves	7
2.4. Troca Segura de Mensagens	9
2.5. Renegociação de Chaves	10
3. Implementação de um Protocolo Seguro	12
3.1. Registo de uma Entidade	12
3.2. Autenticação	13
3.3. Troca de Chaves	14
3.4. Troca de Mensagens Seguras	15
3.5. Renegociação de Chaves	16
4. Plano de Resposta a Incidentes	17
5. Conclusão	18
6. Bibliografia	19

1. Introdução

O crescente desenvolvimento e expansão da tecnologia trouxe um número crescente de desafios na área da **segurança da informação**. Uma das áreas onde esses desafios são mais proeminentes é na **comunicação segura** entre **entidades** em redes. Com a necessidade de garantir a **autenticidade**, a **confidencialidade** e a **integridade** das informações trocadas, a **criptografia** tornou-se uma ferramenta indispensável em qualquer sistema de **segurança de informação**.

Neste contexto, este documento apresenta o **design** e a **implementação** de um **protocolo criptográfico seguro** destinado a ser usado em um sistema de chat seguro. O protocolo foi projetado para permitir a **comunicação segura e autenticada** entre várias entidades (A, B, C, D, etc) através de um *gateway* central. Este *gateway* atua como um ponto de **confiança central**, facilitando o processo de **autenticação entre as entidades**.

A arquitetura do sistema é **descentralizada e privada**, com a **troca de mensagens** ocorrendo diretamente entre as entidades sem passar por um servidor centralizado. Esta abordagem descentralizada tem a vantagem de **reduzir a dependência** de um **único ponto de falha**, aumentando a **resiliência do sistema**.

O protocolo proposto foi projetado para atender a uma série de **requisitos de segurança**. Antes de iniciar a comunicação, todas as entidades precisam de se **autenticar**. Além disso, deve existir um mecanismo que permita às entidades **renegociar os parâmetros de segurança** entre si e renovar as chaves. Por fim, todas as mensagens trocadas devem garantir a sua **confidencialidade e integridade**.

Este documento está estruturado da seguinte maneira:

- **Secção 1.** - Introdução do projeto,
- **Secção 2.** - Apresenta a especificação e o design do protocolo seguro proposto,
- **Secção 3.** - Descreve a implementação do protocolo utilizando a ferramenta OpenSSL,
- **Secção 4.** – Plano de resposta a incidentes,
- **Secção 5.** – Conclusão do projeto.

2. Especificações e Design de um Protocolo Seguro

A seção a seguir destaca os detalhes do **design** e da **especificação** do **protocolo seguro** proposto. O protocolo foi concebido tendo em consideração os **princípios fundamentais da criptografia** e da **segurança da rede**, garantindo a **autenticação**, a **confidencialidade**, a **integridade** e a **disponibilidade** das comunicações. O design do protocolo envolve várias etapas, incluindo o **registo da entidade**, a **autenticação**, a **troca de chaves**, a **troca segura de mensagens** e a **renegociação de chaves**.

2.1. Registo de uma Entidade

O primeiro passo na implementação do protocolo seguro é o **registo da entidade**. Neste processo, cada entidade participante se **regista no Gateway**, que atua como o ponto de **confiança central** no sistema de comunicação. Para garantir a **segurança** na comunicação, cada entidade deve possuir um **par de chaves único**, composto por uma **chave pública** e uma **chave privada**.

O **Gateway** é responsável pela **geração do par de chaves para cada entidade**. Utiliza-se um algoritmo de **chave assimétrica**, como o **RSA**, para a geração das chaves. Uma vez geradas, o **Gateway** fornece à entidade o par de chaves: a **chave privada**, que deve ser mantida em **segredo pela entidade**, e a **chave pública**, que pode ser **distribuída livremente**. A **chave privada** será utilizada para **assinar digitalmente** as mensagens e a **chave pública** será utilizada para **verificar as assinaturas**.

O processo de **registo** garante que cada entidade tenha um **par de chaves único**, permitindo assim a **autenticação segura** e a **troca de mensagens** entre as entidades. Além disso, o uso de um sistema de **chave assimétrica** permite o estabelecimento de uma **comunicação segura**, mesmo em um ambiente onde a segurança total não pode ser garantida.

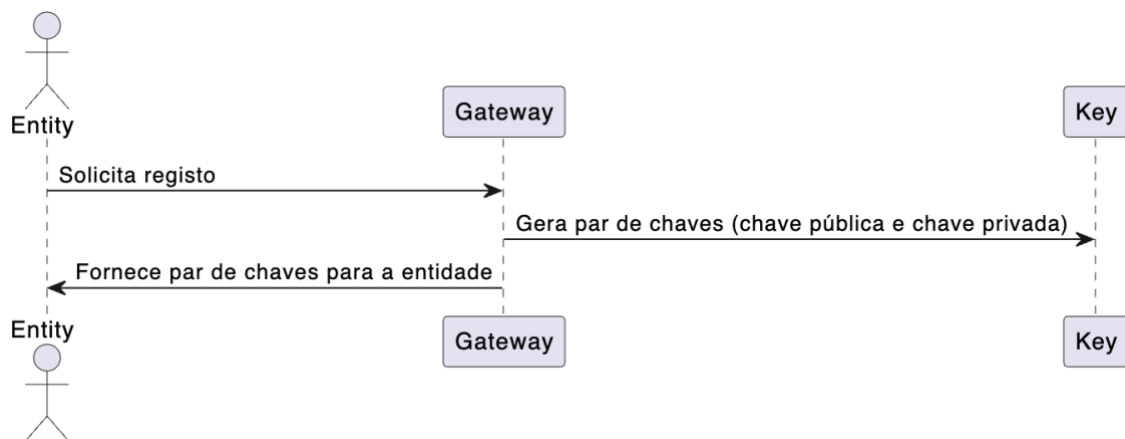


Figura 1. Diagrama de Registo de Entidade.

2.2. Autenticação

Após o **registo bem-sucedido** de uma **entidade** e a **criação do par de chaves**, o próximo passo crucial no protocolo seguro é a **autenticação**. Este processo é essencial para garantir que as entidades envolvidas na comunicação sejam **quem afirmam ser**, prevenindo assim qualquer forma de **usurpação de identidade** ou **tentativas de spoofing**.

A **autenticação** no protocolo é realizada da seguinte maneira:

- **Início da Comunicação:** A entidade A, que deseja iniciar a comunicação com a entidade B, envia uma solicitação ao *Gateway*. Esta solicitação inclui a identidade da entidade A, que é essencialmente uma representação única da entidade, como um nome de usuário ou um ID de entidade.
- **Assinatura da Identidade:** Ao receber a solicitação, o *Gateway* assina a identidade da entidade A usando sua própria chave privada. Esta assinatura atua como um endosso do *Gateway* de que a identidade é válida e autêntica.
- **Verificação da Assinatura:** A entidade B, ao receber a identidade assinada, verifica a assinatura usando a chave pública do *Gateway*. Se a assinatura for

verificada com sucesso, isso confirma que a identidade foi realmente assinada pelo *Gateway* e que a entidade A é autêntica.

- **Resposta à Entidade A:** Após a verificação bem-sucedida, a entidade B responde à entidade A com sua própria identidade assinada. Este processo é semelhante ao descrito acima, com o *Gateway* assinando a identidade da entidade B e a entidade A verificando a assinatura.
- **Autenticação Mútua:** Uma vez que ambas as entidades verificaram com sucesso as identidades uma da outra, a autenticação mútua é alcançada. Isso significa que ambas as entidades podem confiar na identidade uma da outra e iniciar uma comunicação segura.

É importante notar que todo o processo de autenticação depende da segurança do **Gateway** e de sua **chave privada**. Se a **chave privada do Gateway** for comprometida, a **segurança** de todo o protocolo poderá ser **violada**. Portanto, medidas rigorosas devem ser implementadas para proteger a **chave privada do Gateway**.

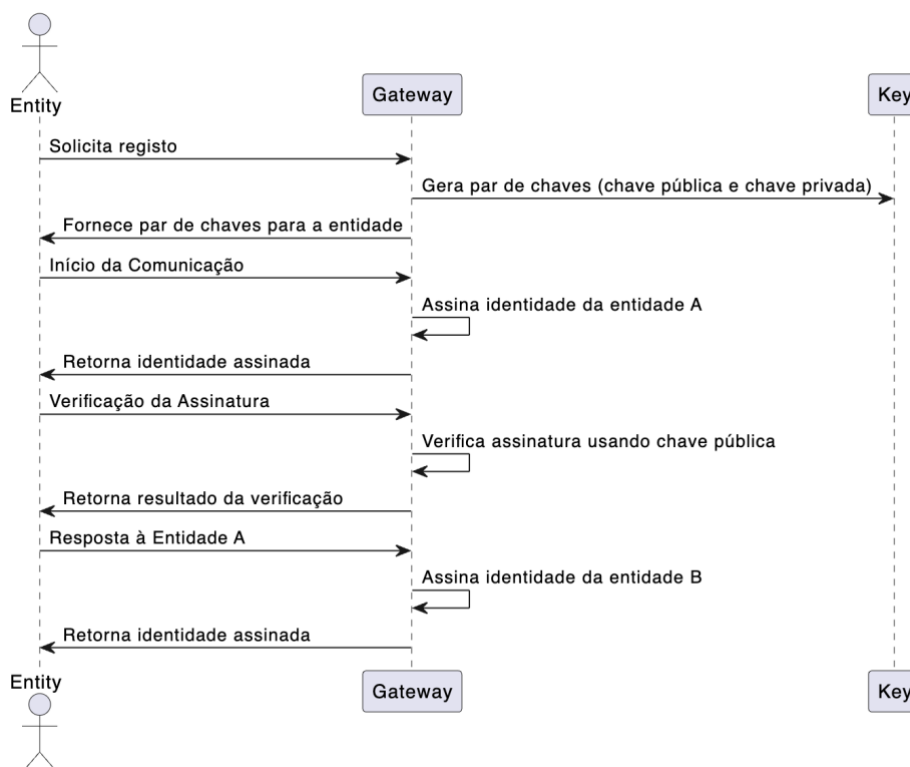


Figura 2. Diagrama de Autenticação de Entidades.

2.2.1. Proteger chave privada do Gateway

Para garantir a segurança da **chave privada** do *Gateway*, devem ser implementadas medidas rigorosas. O **armazenamento da chave** deve ocorrer em um **cofre de chave segura** que é protegido tanto **fisicamente** quanto **digitalmente**. A **autenticação de dois fatores** pode ser usada para garantir que apenas usuários autorizados tenham acesso à chave. Além disso, rotinas **regulares de backup** e **recuperação de desastres** devem ser estabelecidas para garantir a **disponibilidade** da chave, mesmo em caso de **falha do sistema** ou **violação de segurança**.

2.3. Trocas de Chaves

A **troca de chaves** é um processo crítico que ocorre após a **autenticação mútua bem-sucedida entre as entidades A e B**. Este processo permite que ambas as entidades **concordem com uma chave secreta partilhada** (também conhecida como **chave simétrica**) que será usada para a criptografia e descryptografia de mensagens subsequentes.

O protocolo *Diffie-Hellman* é normalmente usado para essa negociação de **chave simétrica**. É um método de **troca de chaves seguro** que permite que duas partes que não têm contacto prévio estabeleçam conjuntamente uma **chave secreta partilhada** por meio de um **canal de comunicação público**.

No contexto deste protocolo, a **entidade A** e a **entidade B** gerem a sua própria **chave privada** e parâmetro público usando o algoritmo *Diffie-Hellman*. Em seguida, eles trocariam a sua **chave pública**. Após receber a **chave pública** um do outro, cada entidade seria capaz de calcular a **chave secreta partilhada** usando a sua própria chave privada e a chave pública recebida da outra entidade.

Esta **chave partilhada** é então usada para criptografar e descryptografar as mensagens trocadas entre a entidade A e a entidade B, garantindo a **privacidade** e a **segurança da comunicação**.

Esta **chave simétrica** é temporária e é descartada após um **período definido**, após o qual uma **nova chave simétrica é negociada** entre as entidades usando o mesmo processo. Isso é conhecido como **renegociação de chaves** e é uma prática padrão em protocolos de segurança para prevenir **ataques de força bruta** de longo prazo.

Para garantir que o protocolo possa ser implementado em **larga escala**, a escalabilidade é uma **consideração crucial**. O protocolo deve ser projetado para manter o **desempenho** sob **alta carga** e deve **minimizar o uso de recursos** para suportar um grande número de entidades. Além disso, o impacto do crescimento no protocolo e na segurança geral do sistema deve ser **avaliado regularmente** para garantir que a **escalabilidade não comprometa a segurança**.

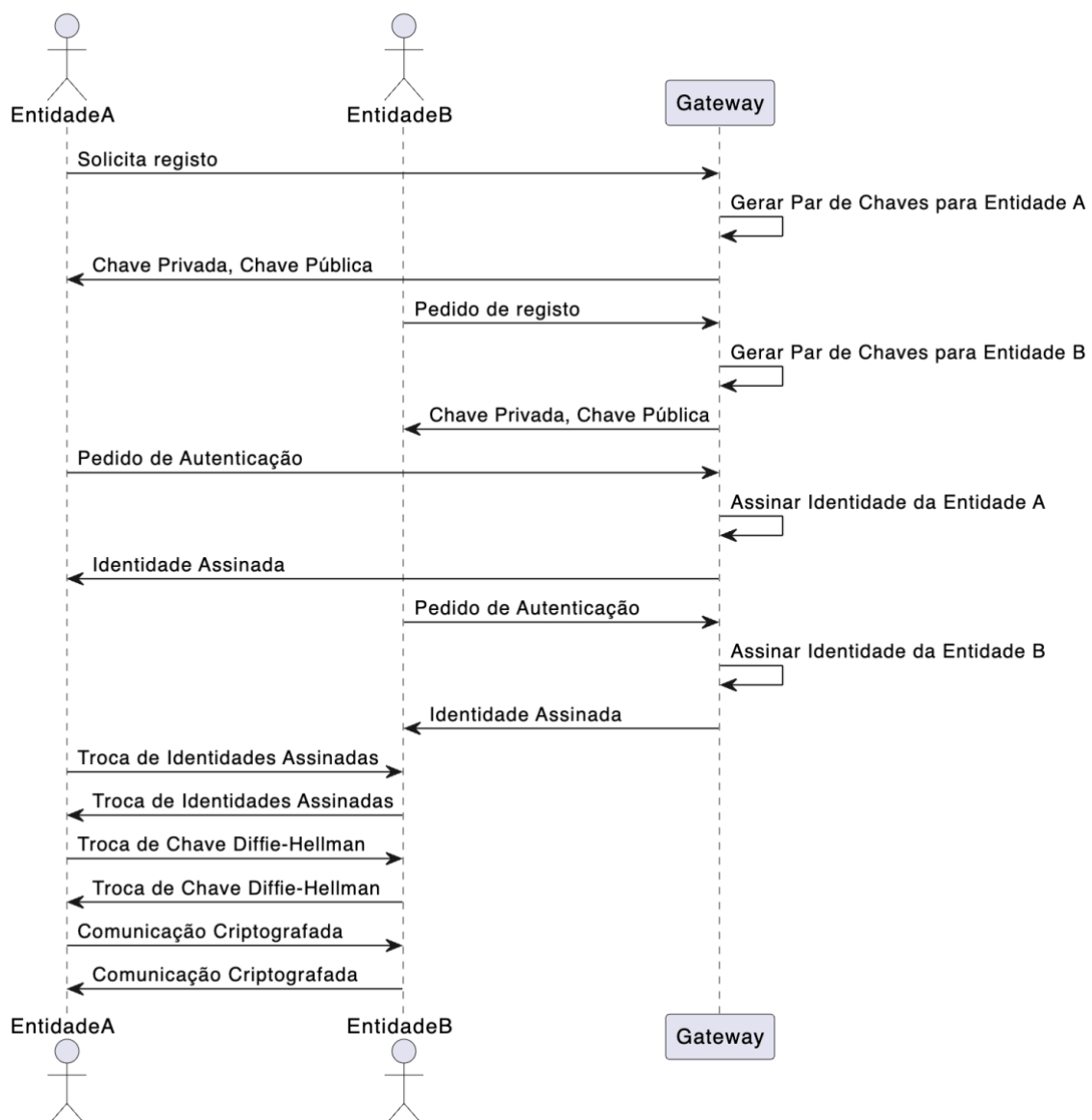


Figura 3. Diagrama de Troca de Chaves entre Entidades.

2.4. Troca Segura de Mensagens

Uma vez **estabelecida a comunicação segura e autenticada e acordada a chave secreta partilhada** entre as entidades, a **troca segura** de mensagens pode começar. Este processo consiste em duas partes principais: a **criptografia** das mensagens e a **garantia da integridade** das mensagens.

Na **criptografia das mensagens**, as mensagens trocadas entre as entidades são **criptografadas** usando a **chave secreta partilhada**, assegurando a **confidencialidade** das mensagens. A **criptografia simétrica** é escolhida para este propósito devido à sua **eficiência** e **velocidade** em relação à criptografia assimétrica.

O **Advanced Encryption Standard (AES)** é o algoritmo de **criptografia simétrica** escolhido para este propósito. O AES é amplamente reconhecido pela sua **segurança** e **eficiência**, tornando-o uma escolha popular para a criptografia de dados sensíveis.

Para garantir a **integridade das mensagens**, ou seja, para garantir que as mensagens não foram alteradas, um **Message Authentication Code (MAC)** é anexado a cada mensagem. O MAC é um pequeno bloco de dados que é gerado a **partir da mensagem** e da **chave secreta partilhada**.

Para este propósito, é usado o **código de autenticação** de mensagem baseado em **hash (HMAC)**. O HMAC é um tipo específico de MAC que usa uma função de hash **criptográfico** em **combinação** com uma **chave secreta**.

Portanto, quando uma entidade recebe uma mensagem, ela pode verificar a **integridade** da mensagem **recalculando o HMAC e comparando-o com o HMAC** que foi enviado com a mensagem. Se os dois HMACs corresponderem, a entidade pode ter certeza de que a mensagem **não foi alterada**. Se eles não corresponderem, a entidade sabe que a mensagem **foi alterada** e pode tomar as medidas apropriadas.

Em resumo, a troca segura de mensagens é garantida através da criptografia das mensagens para **confidencialidade** e da verificação da integridade das mensagens através do uso de **HMACs**.

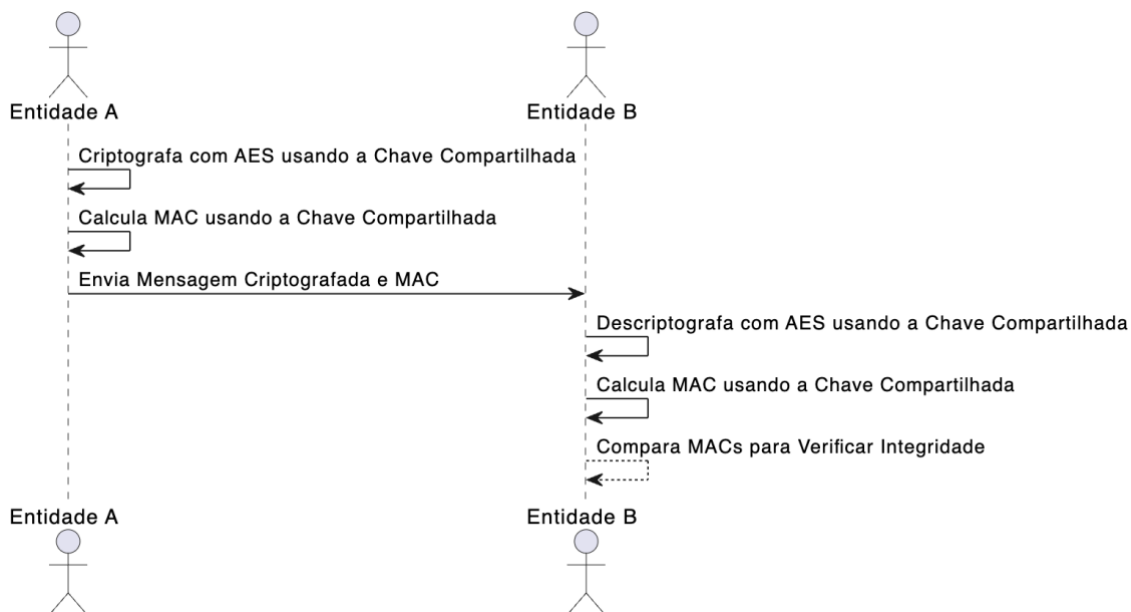


Figura 4. Diagrama de Troca Segura de Mensagens entre Entidades.

2.5. Renegociação de Chaves

Para **aumentar a segurança da comunicação**, é crucial que as **chaves** utilizadas na **criptografia** e **autenticação** das mensagens sejam **renovadas** ou **renegociadas** periodicamente. Isto é especialmente importante em sistemas de comunicação de longa duração, onde o uso prolongado da mesma chave pode aumentar o risco de comprometimento da mesma.

A **renegociação de chaves** envolve a substituição da **chave secreta partilhada** atualmente em uso por uma nova chave. Este processo deve ser realizado de maneira **segura** para garantir que a nova chave não seja **comprometida** durante o processo de **renegociação**.

O protocolo ***Diffie-Hellman***, que foi utilizado para a troca inicial de chaves, pode ser usado novamente para a renegociação de chaves. Este protocolo permite que duas entidades que já têm uma **chave secreta partilhada** negociem uma nova chave secreta partilhada de maneira segura.

O protocolo de **Renegociação de Chaves**, consiste em uma **entidade A** iniciar a **renegociação de chaves**, gerando um novo par de chaves *Diffie-Hellman* e enviando a **chave pública** para a **entidade B**.

Posteriormente, a entidade B recebe a **chave pública** da entidade A, gera o seu próprio par de chaves *Diffie-Hellman*, e envia sua **chave pública** para a **entidade A**.

Após este passo, as entidades A e B usam suas **próprias chaves privadas** e a **chave pública** da outra entidade para calcular a nova **chave secreta partilhada**.

Finalmente, As entidades A e B agora usam a **nova chave secreta partilhada** para **criptografar** e **autenticar** suas comunicações.

Este processo de renegociação de chaves garante que mesmo se uma **chave secreta partilhada** for **comprometida**, o dano será **limitado**, já que a chave será **substituída** por uma nova em um **curto período**. Além disso, o comprometimento de uma única chave **não comprometerá as comunicações futuras**, já que cada chave é independente das anteriores.

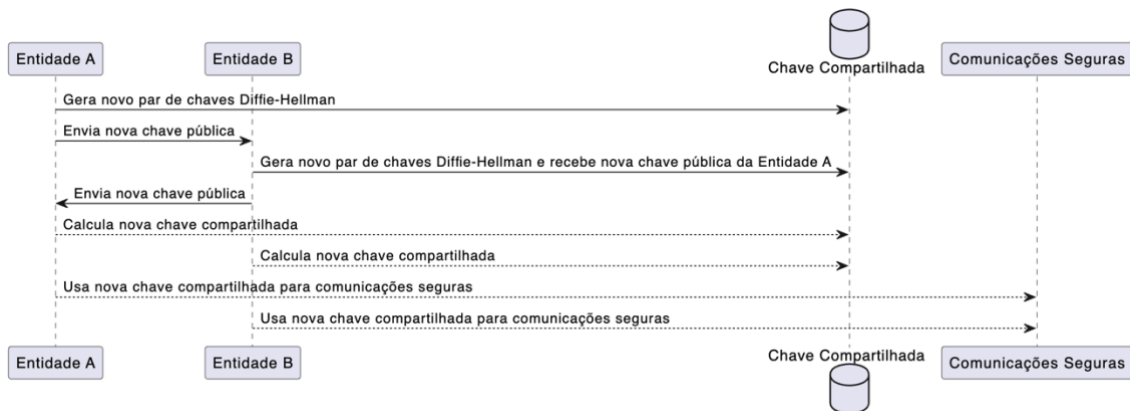


Figura 5. Diagrama de Renegociação de Chaves entre Entidades.

3. Implementação de um Protocolo Seguro

A **implementação** de um **protocolo seguro** envolve a aplicação prática de vários **algoritmos** e **técnicas** de criptografia para garantir a **confidencialidade**, **integridade** e **autenticidade** das comunicações. Neste processo, são usadas várias ferramentas e bibliotecas de criptografia, como *OpenSSL*, que oferece uma variedade de funções criptográficas.

A implementação é um processo detalhado que requer uma compreensão sólida de **conceitos de segurança** e **criptografia**. Inclui várias etapas, como o **registo de entidades**, **autenticação**, **troca de chaves**, **troca segura de mensagens** e **renegociação de chaves**.

3.1. Registo de uma Entidade

O **registo de entidade** é a primeira etapa na implementação do protocolo de segurança. É aqui que uma entidade se torna parte do sistema de comunicação segura.

Cada entidade gera um **par de chaves RSA** usando a ferramenta *OpenSSL*. O par de chaves consiste em uma **chave privada**, que é mantida em segredo pela entidade, e uma **chave pública**, que é enviada ao *Gateway* para registo. O comando OpenSSL para fazer isso é:

```
openssl genpkey -algorithm RSA -out private_key.pem
```

A chave pública gerada é então enviada ao *Gateway*. O *Gateway* mantém um registo de todas as **chaves públicas** das entidades registadas. Este registo é usado durante o processo de **autenticação** para verificar a **identidade das entidades**.

Este processo de registo de entidade ajuda a estabelecer a **identidade das entidades** no sistema. Com o **par de chaves gerado**, a entidade está pronta para participar do sistema de **comunicação segura**, onde pode **autenticar** sua identidade e estabelecer **chaves partilhadas seguras** para comunicação.

A segurança deste processo depende da segurança da **chave privada**. Se a chave privada de uma entidade for comprometida, um invasor pode se passar por essa entidade. Portanto, é essencial que as **chaves privadas sejam protegidas** com forte segurança.

3.2. Autenticação

A **autenticação** é uma etapa essencial no protocolo de segurança, pois verifica a **identidade** das partes envolvidas na comunicação. Ela usa **assinaturas digitais**, um método que combina a **chave privada** de uma entidade com um **algoritmo de hash** para criar uma **assinatura única**.

A **entidade A**, que inicia a comunicação, primeiro cria uma **assinatura digital** do conteúdo que deseja enviar. Isso é feito utilizando sua **chave privada** e um **algoritmo de hash**, como **SHA256**. A **assinatura digital** é criada com o seguinte comando *OpenSSL*:

```
openssl dgst -sha256 -sign private_key.pem -out signature.bin data.txt
```

Neste comando, *private_key.pem* é a **chave privada** da **entidade A**, *signature.bin* é o arquivo onde a **assinatura digital** será salva e *data.txt* é o arquivo que contém os **dados** a serem enviados.

Depois de criar a **assinatura**, a entidade A envia os **dados** e a **assinatura** para a entidade B. A entidade B usa a **chave pública** da entidade A, que foi partilhada durante o processo de registo da entidade, para verificar a assinatura. Se a assinatura for verificada com **sucesso**, isso confirma que os dados foram realmente enviados pela entidade A e não foram alterados no caminho.

O comando *OpenSSL* para **verificar a assinatura** é:

```
openssl dgst -sha256 -verify A_public_key.pem -signature  
signature.bin data.txt
```

Se a verificação for bem-sucedida, a entidade B pode ter certeza de que os dados são **autênticos** e foram enviados pela entidade A.

Este processo é repetido para todas as comunicações entre as duas entidades, garantindo que as mensagens sejam sempre **autenticadas** e **seguras**. É importante ressaltar que a **chave privada** deve ser mantida em **segredo** pela entidade que a possui, pois, qualquer pessoa com acesso a esta pode se fazer passar pela entidade.

A **autenticação** é uma etapa crucial no estabelecimento de uma comunicação segura, pois ajuda a prevenir ataques de **personificação**, onde um invasor poderia tentar se passar por uma entidade para obter acesso **não autorizado** a informações ou sistemas.

3.3. Troca de Chaves

A **troca de chaves** é um componente fundamental em muitos **protocolos seguros**, permitindo que duas entidades, mesmo em uma rede insegura, estabeleçam uma **chave secreta partilhada** que podem usar para **criptografar** e **descriptografar** mensagens. O método **Diffie-Hellman** é um dos métodos mais usuais para a troca de chaves.

A implementação começa com cada entidade a gerar as suas **próprias chaves privadas Diffie-Hellman**.

No *OpenSSL*, isso pode ser feito com o seguinte comando:

```
openssl genpkey -algorithm DH -out privateKey.pem
```

Este comando gera a **chave privada Diffie-Hellman** e a armazena no arquivo **privateKey.pem**. A entidade B repete este processo para gerar a sua própria chave privada.

Em seguida, as entidades trocam suas **chaves públicas Diffie-Hellman** entre si. Isso pode ser feito por meio de um **canal de comunicação inseguro (no entanto aconselha-se sempre um seguro como TLS)**, pois mesmo que um invasor obtenha essas chaves, este não poderá obter a **chave secreta partilhada** sem a **chave privada Diffie-Hellman** correspondente.

Uma vez que as **chaves públicas Diffie-Hellman** são trocadas, cada entidade pode calcular a **chave secreta partilhada**. Eles fazem isso utilizando a sua própria **chave**

privada Diffie-Hellman e a **chave pública Diffie-Hellman** da **outra entidade**. O cálculo resultará na mesma **chave secreta partilhada** em **ambas as entidades**.

Agora, ambas as entidades têm a mesma **chave secreta partilhada**, que pode ser usada para criptografar e descriptografar mensagens. Importante, pois mesmo que um invasor tenha acesso às chaves públicas *Diffie-Hellman* e às mensagens criptografadas, sem as chaves privadas *Diffie-Hellman*, é inviável obter a chave secreta partilhada e descriptografar as mensagens.

No entanto, é importante destacar que o protocolo *Diffie-Hellman* em si **não protege contra os ataques** de *MITM (Man-In-The-Middle)*. Para mitigar esse risco, a **autenticação das chaves públicas é necessária**, que geralmente é realizada através de **assinaturas digitais**.

3.4. Troca de Mensagens Seguras

A **troca segura de mensagens** é o cerne de qualquer **protocolo de segurança**. Isso envolve o uso da **chave secreta partilhada**, obtida por meio do processo de **troca de chaves**, para criptografar e descriptografar mensagens. Para garantir a **confidencialidade** e a **integridade** da mensagem, a criptografia e a **Message Authentication Code (MAC)** são usadas.

Nesta implementação, a **criptografia simétrica** é usada para proteger o conteúdo da mensagem. Um algoritmo de criptografia simétrica comum é o **AES (Advanced Encryption Standard)**, que oferece um **alto nível de segurança**.

A entidade que envia a mensagem, primeiro criptografa a mensagem através da **chave secreta partilhada e o AES**.

Isso pode ser feito usando o comando *OpenSSL*:

```
openssl enc -aes-256-cbc -in plaintext.txt -out  
ciphertext.bin -k shared_key
```

O ficheiro **plaintext.txt** é o arquivo que contém a mensagem original, **ciphertext.bin** é o arquivo onde a mensagem criptografada será salva e **shared_key** é a chave secreta partilhada.

Depois de criptografada, a mensagem pode ser enviada para a outra entidade. Mesmo se um invasor interceptar essa mensagem, ele não conseguirá decodificar o conteúdo sem a **chave secreta partilhada**.

Para garantir a **integridade** da mensagem, um **MAC (Message Authentication Code)** é gerado. O MAC é um resumo criptográfico da mensagem, criado usando um algoritmo **HMAC (Hash-based Message Authentication Code)** e a chave secreta partilhada.

O *OpenSSL* pode ser usado para gerar o MAC:

```
openssl dgst -sha256 -hmac shared_key -out mac.bin
ciphertext.bin
```

O **MAC** é então enviado junto com a mensagem criptografada. Quando a mensagem é recebida, o **MAC é verificado**, comparando-o com um novo MAC gerado a partir da mensagem recebida. Se eles corresponderem, a **integridade da mensagem é confirmada**.

Esses passos garantem que as mensagens sejam **trocadas de maneira segura e confiável**, protegendo a **confidencialidade** e a **integridade** da comunicação.

3.5. Renegociação de Chaves

Renegociar chaves em intervalos regulares é uma prática de segurança recomendada para garantir a segurança contínua da comunicação. Isso ocorre porque, com o tempo e o uso contínuo da mesma chave, pode haver um **aumento no risco** de a **chave ser descoberta** ou **comprometida**.

A renegociação de chaves envolve a **criação** e **troca** de uma nova **chave secreta partilhada**, semelhante ao processo inicial de troca de chaves.

No *OpenSSL*, isso pode ser feito usando os comandos:

```
openssl genpkey -algorithm DH -out new_privateKey.pem
```

Esse comando gera um novo conjunto de parâmetros *Diffie-Hellman* e os armazena no arquivo **new_privateKey.pem**. A entidade B repetirá esse processo para gerar a sua própria **chave privada**.

Depois de geradas, as novas **chaves públicas** *Diffie-Hellman* são trocadas entre as entidades. Cada entidade usa a nova **chave pública** *Diffie-Hellman* da outra entidade e sua própria nova **chave privada** *Diffie-Hellman* para gerar a nova **chave secreta compartilhada**.

Com a **nova chave secreta compartilhada** em vigor, todas as futuras comunicações serão criptografadas usando essa nova chave. Isso ajuda a manter a segurança das comunicações, pois mesmo que um invasor tenha obtido a chave anterior, ele não será capaz de **decifrar novas mensagens**.

O processo de **renegociação de chaves** deve ocorrer em **intervalos regulares** para garantir a **segurança contínua**. O tempo exato entre as renegociações de chaves pode variar dependendo de vários fatores, incluindo a **quantidade de dados transmitidos** e os requisitos de **segurança específicos**.

Em resumo, a **renegociação de chaves** é uma prática importante para garantir a **segurança** de um **protocolo de comunicação**. É uma forma de garantir que, mesmo que uma chave seja **comprometida**, o impacto seja **limitado** e a **comunicação** segura possa continuar.

4. Plano de Resposta a Incidentes

Apesar das medidas **preventivas**, **violações de segurança** ainda podem ocorrer. Nesses casos, um **plano de resposta a incidentes** deve ser ativado. O primeiro passo é **identificar** e **conter** o incidente para **minimizar o dano**. Em seguida, a ameaça deve ser **erradicada** e as **operações devem ser recuperadas**. Após a resolução do incidente, uma **análise pós-incidente** deve ser realizada para aprender com o evento e melhorar as **medidas de segurança** futuras.

5. Conclusão

Baseado na informação fornecida, é possível concluir que este documento apresenta o **projeto** e a **implementação** de um **protocolo de segurança criptográfica** destinado a sistemas de **chat seguro**. O protocolo foi desenvolvido para permitir **comunicação segura e autenticada** através de um *Gateway* central, com uma arquitetura **descentralizada** e privada.

O sistema proposto aplica os **princípios fundamentais** da **criptografia** e da **segurança das redes**, assegurando **autenticação, confidencialidade, integridade e disponibilidade** nas comunicações. O protocolo inclui várias etapas: **registo da entidade, autenticação, troca de chaves, troca segura de mensagens e renegociação de chaves**.

A implementação do protocolo faz uso de várias ferramentas e bibliotecas de criptografia, como *OpenSSL*. O processo de implementação requer uma compreensão sólida de conceitos de **segurança e criptografia**, e é acompanhado por medidas rigorosas para proteger a **chave privada** do *Gateway* central e as **chaves privadas** das entidades envolvidas.

Em resumo, o protocolo proposto oferece uma **solução robusta e segura** para a **comunicação em sistemas de chat**, reduzindo a dependência de um **único ponto de falha** e aumentando a **resiliência do sistema**.

Embora redundante e repetitivo vários conceitos ao longo do projeto considerámos importante para melhor compreensão do mesmo.

6. Bibliografia

1. Stallings, W. (2006). *Cryptography and Network Security: Principles and Practices*. Pearson Education.
2. Diffie, W., & Hellman, M. (1976). New directions in cryptography. *IEEE transactions on Information Theory*, 22(6), 644-654.
3. Rescorla, E. (2001). *SSL and TLS: Designing and Building Secure Systems*. Addison-Wesley Professional.
4. Menezes, A., Van Oorschot, P., & Vanstone, S. (1996). *Handbook of Applied Cryptography*. CRC Press.
5. Ferguson, N., & Schneier, B. (2003). *Practical Cryptography*. Wiley Publishing, Inc.
6. OpenSSL Project. (2022). *OpenSSL Cryptography and SSL/TLS Toolkit*. <https://www.openssl.org/>
7. National Institute of Standards and Technology (NIST). (2001). *Advanced Encryption Standard (AES)*. Federal Information Processing Standards Publication 197. <https://csrc.nist.gov/csrc/media/publications/fips/197/final/documents/fips-197.pdf>
8. Bellare, M., Canetti, R., & Krawczyk, H. (1996). Keying hash functions for message authentication. In *Annual International Cryptology Conference* (pp. 1-15). Springer, Berlin, Heidelberg.
9. Kohnfelder, L. (1978). *Towards a practical public-key cryptosystem*. MIT.
10. Schneier, B. (1996). *Applied Cryptography: Protocols, Algorithms, and Source Code* in C. John Wiley & Sons, Inc.
11. Slides das aulas
12. Lab. Criptography Enunciado